

deve ser, provavelmente, a “iniciativa”; 8) na p. 134, no fim da 1ª alínea, valeria a pena ter citado algo do próprio texto de Is 58,1-12, não apenas a referência; 9) na p. 139, no fim da 3ª alínea, em vez de “devedor”, leia-se “cobrador”: “Deus, de doador, tornou-se *cobrador*”; 10) na p. 152, na metade da 1ª alínea, o “conhecer a Javé” é um tema mais característico de Oséias do que de Amós; 11) na p. 181, em cima, “*seu* silêncio” deveria ser explicitado: o silêncio “dos escribas”; 12) na p. 212, em baixo, a citação da 4ª estrofe deve ser v.39cd—41a, não 39cd.41a; 13) na p. 213, em cima, a citação da 3ª estrofe deve ser v.39b-41, não 38b-41; 14) na p. 214, no começo da 3ª alínea, deve ser “aquele em *quem* reside”, não “em que reside”; 14) na p. 216, no fim da 1ª alínea, leia-se “impede *de* reconhecer...”; na mesma p. 216, no final da última alínea, faltou a preposição “a”: “Continuam *a* ser sem inteligência”; 15) na p. 232, no meio da penúltima alínea, leia-se “diz *um* tempo”, não “diz bem tempo”...; 16) na p. 237, o texto de Mc 6,3 deve ser “*E* suas irmãs”, não “Eis suas irmãs”...; 17) na p. 239, no começo da 2ª alínea: “pensar em *carpinteiro* ou pedreiro”, não “carpintaria”; 18) na p. 256, no começo da última alínea, não vejo como o motivo do “banquete da corte” apareça em Ap 6,15 e 19,18; 19) na p. 259, o verbo “abençoou”, do texto de Mc 6,41, ficaria melhor traduzido como o faz a Bíblia da CNBB: “*pronunciou a bênção*”; 20) na p. 267, na última alínea, as citações de Dn 33,2 (!) e Hb 3,3 não conferem: em vez de Hb 3,3 leia-se Hab 3,3; 21) na p. 281, no início da primeira alínea, também não confere a citação de 12,38-40; 22) na p. 291, a expressão “esta geração” não denota, da parte de Jesus, “desprezo”, nem muito menos, “maldição”...

Terminando esta recensão, congratulo-me com os autores. Seu comentário da primeira parte de Marcos não é só “mais um” comentário, mas é uma contribuição significativa para a instrução e a vivência cristã das comunidades cristãs de hoje, no Brasil e na América Latina. Auxiliados por eles, redescobrimos que o evangelho de Marcos realmente “corresponde às exigências fundamentais da fidelidade histórica à prática de Jesus, transmitida pela pregação apostólica, e de adaptação às necessidades concretas dos leitores aos quais o evangelista endereçou o texto”. Os comentaristas nos ajudam a perceber, nesse texto, com clareza e mordência, “a intenção de manter viva a memória de Jesus e explicitar o significado universal de sua obra redentora” (contracapa). Ficamos aguardando com ansiedade o segundo volume.

Endereço do Recensor:
ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
email: neybrasi@terra.com.br

FARIA, Jacir de Freitas. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos. Uma leitura de gênero*. Petrópolis, Vozes, 2004, 14 x 21 cm, 190 páginas.

Temos que agradecer a Jacir de Freitas Faria a sua persistência em apresentar aos seus colegas e seus leitores o que ele chama de “as preciosidades” da literatura apócrifa.

fa do Segundo Testamento. Neste pequeno livro, o frade franciscano Jacir de Freitas faz uma pesquisa bastante ampla dos escritos quase desconhecidos, com o objetivo de ampliar nossa visão de dois dos protagonistas entre os/as amigos e amigas de Jesus, Pedro e Maria Madalena.

O livro está dividido em duas partes, uma mais ampla sobre Pedro (p. 11-120) e uma segunda consagrada a Maria Madalena (p. 121-153). Tem, além disso, três valiosos anexos com uma tradução portuguesa do Evangelho de Maria Madalena, o Evangelho de Pedro e o Apocalipse Pedro. São obras pouco conhecidas, todas elas da região onde se retiraram os primeiros monges ascetas, no Alto Egito. O Evangelho de Maria e o Apocalipse de Pedro fazem parte de uma tradução copta do original grego, encontrados entre os manuscritos de Nag Hammadi e escritos em meados do século quarto da Era Comum. Esta coleção de textos, em sua maioria gnósticos, foi encontrada enterrada em uma cova neste lugar, em 1945, e está conservada em um museu de Cairo. O Evangelho de Pedro é conhecido desde meados de século XIX, quando foi encontrado em Akhmim ou Chenoboskion, e está conservada em Berlim, desde então. É conhecido o seu original grego, ainda que fragmentário.

Quase todas as obras utilizadas pelo autor fazem parte da coleção de Nag Hammadi, com exceção para o mencionado Evangelho de Pedro, os Atos dos Pedro e o Evangelho de Bartolomeu. O leitor se dará conta que os textos de Nag Hammadi, documentos pouco conhecidos e estudados até agora, cuja publicação não completou ainda os trinta anos e sua assimilação pelos estudiosos é incompleta. Assim, temos que agradecer a Jacir de Freitas Faria o fato dele começar a divulgar entre nós o seu uso, diria, mais precisamente, seu uso pastoral.

Este livro tem um perfil notoriamente pastoral. Pretende encontrar nestes textos, que Jacir pensa preservar a tradição popular cristã, elementos para completar nossa imagem de Pedro e de Maria Madalena. Sobre Pedro, encontramos elementos de sua personalidade, em particular e distintas concepções sobre sua postura frente às mulheres, e informes sobre seu ministério em Jerusalém e Roma, e, especialmente sobre sua morte como mártir na capital do império, Roma. Sobre Maria, Jacir insiste que a tradição que ela foi uma prostituta arrependida não tem base nem nos escritos canônicos, nem na tradição popular dos “apócrifos”. O Evangelho de Maria Madalena nos apresenta uma mulher que recebe revelações, porque Jesus a amou mais que os demais, e que disputa com Pedro a sua autoridade para ensinar.

Este leitor encontrou especial valor em duas discussões neste livro, a descida aos infernos de Nosso Senhor no período entre sua morte e ressurreição e a discussão do amor de Jesus por Maria Madalena. O primeiro está ligado a Pedro, pela sua presença na Primeira Epístola canônica de Pedro 3,18-22. Este texto amplia e muito o texto conhecido como o Evangelho de Bartolomeu, que inclui um texto conhecido justamente como a “Descida aos Infernos”. Este texto está conservado em tradução latina do século IV e seu interessantíssimo conteúdo é discutido com grande sensibilidade pastoral por Frei Jacir. Ele pretende ampliar nossa fé em torno à confissão contida no Credo Apostólico em relação a um tema pouco trabalhado, mas de muito interesse para os que crêem.

O autor se pergunta sobre a natureza do amor de Jesus por Maria Madalena, sem negar que pode incluir um amor carnal. Este é um tema importante, pouco abordado por se julgado escandaloso. Propriamente, como bem disse Faria, não há porquê considerar o amor carnal sujo ou pecaminoso e indigno de Nosso Salvador, ainda que tampouco possamos afirmar que seu amor por Madalena incluía intimidade carnal. Isto poderia abrir toda uma discussão sobre a sexualidade do grupo de jovens que andavam com Jesus, tema que não pretende colocar em pauta. Os “apócrifos” discutidos provêm de uma comunidade monástica do deserto egípcio, onde começou o movimento monástico cristão, pelo menos o masculino, com os mestres Antonio e Pacômio, no século IV. Sua disciplina incluía total abstinência sexual e uma severa limitação na comida. Mas é isto uma continuação da prática dos discípulos de Jesus? Não sabemos. O silêncio dos evangelhos a respeito da sexualidade dos discípulos muito provocante, e haveria que perguntar seriamente como interpretá-lo... Mas não estamos desviando do que discutimos.

Este livro está dirigido aos leigos e especialmente leigas que buscam fortalecer a sua fé com um conhecimento maior das personagens Pedro e Maria Madalena. Os estudiosos se sentiriam frustrados pela escassa discussão de temas com a origem dos textos e como chegaram ao Egito e por que ficaram enterrados no deserto. As comunidades monásticas da região parecem ter desaparecido no final do século IV, sem que haja mostras de violência humana ou natural (ataques, incêndios ou terremotos). O que isto significa? Faria não o discute. A tradição ascética cristã, que não tem paralelo no judaísmo rabínico da época, nem posterior, alcançou uma enorme influência na Igreja. Onde e quando tem sua origem? São perguntas importantes que o autor não discute porque não entram em sua concepção de valor pastoral para esta obra.

Alguém se questiona se apócrifo é um termo útil para toda esta literatura. Nem o Evangelho de Maria, nem o de Bartolomeu têm aspectos de evangelhos, se considerarmos este gênero pelos evangelhos canônicos. Ambos, com suas revelações têm aspectos fortes de apocalipses, mas tampouco correspondem a este gênero. E se não são propriamente “evangelhos” rechaçados no processo de canonização, não devíamos chamá-los de apócrifos? Foi a carta pastoral do bispo Atanásio de Alexandria, no Egito, no ano 367 E.C., a que definiu para sua região os escritos apostólicos aceitáveis, justamente nos últimos anos da comunidade monástica de Nag Hammadi. Tem algo a ver a duas coisas? Como Faria não sente a necessidade de definir seu o termo “apócrifo” não tem que colocar pergunta, que pare este leitor parece fundamental.

Tudo isto indica que Frei Jacir, com suas investigações pastorais, está levantando perguntas que serão importantes para crentes comuns e para estudiosos por muitos anos. A ele devemos agradecer este serviço.

Jorge Pixley
Professor emérito, Seminário Baupista de Nicarágua
Cleremont, Califórnia, USA